Ano 16.º — Sabado, 10 de Novembro de 1923 — N.º 802

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões - AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

A Republica e o funcionalismo

Quando o Alto Comissario de Moçambique, sr. dr. Brito Camacho, partiu a tomar posse do seu logar, sobre a obra que ia realisar este vulto da Republica, homem inteligente e erudito, republicano sincero e honesto, palestravam dois homens que, pelo seu saber, inteligencia e honestidade, impõem respeito e merecem que as suas palavras sejam escutadas com apreço, pois, apezar de divergirem as suas opiniões, sentem acrisolado patriotismo, anseiam todas as felicidades para a Republica.

Um, o mais novo, afirmava que o sr. dr. Brito Camacho, com os dotes incontestaveis que possue, ia fazer uma obra grande, ia firmar mais uma vez o seu nome valoroso, ia fazer em Lourenço Marques figura de relevo.

O outro, grande observador para quem a Africa é conhecida por experiencia propria de alguns anos, sem discrepancia sobre as qualidades que adornam e enaltecem o sr. dr. Brito Camacho, discordava, no entanto, do resto, profetisando mais uma desgraça para o paiz, mais uma marretada na Republica.

Este opinava com convicção plena que o sr. dr. Brito Camacho ia fazer precisamente o contrario do que aquele lhe auspiciava.

No ponto capital da conversa os dois amigos ocupavam planos diametraes.

O mais novo, sentindo já uma certa irritabilidade de percepção, inquiriu do companheiro as causas basilares da sua divergencia, obtendo esta afirmativa: «O dr. Brito Camacho não se faz acompanhar do essencial, não leva consigo quem o ajude, confiando no que lá está. Engana-se redondamente, porque se vai haver só e com deslealdade em todas as dificuldades, que hão-de surgir. Tudo o que se puder fazer, quem o faz são os outros. Tudo o que não se puder fazer, é a ele que recorrem. Daí simpatias, atenções, graças para os outros e animosidades, malquerenças, odios para o Alto Comissario. Vai ser uma casa em que os empregados recebem ovações e contumelias e o chefe censuras e ameaças. Infelizmente tanto é lá como é cá!»

* * *

Este remate de conversa é desgraçadamente a expressão fiel da realidade. Emquanto a Republica não expurgar as repartições do Estado dos seus inimigos, emquanto não sanear o funcionalismo dos seus adversarios, emquanto não criar uma burocracia exclusivamente sua, escorraçando os milhares de monarquicos que lá se acoitam sobre variados disfarces, por mais talentosos que sejam os seus ministros e os seus homens, por maior que seja a boa-vontade para levarem a Nação á prosperidade, por mais sacrificios que façam para fomentar obra puramente republicana, nada de util conseguem, porque hão-de encontrar da parte desse funcionalismo inimigo, mil estorvos á realisação dos bons problemas nacionais e todas as facilidades na rapida efectivação dos erros imprevistos, dos assuntos mal cuidados. Não terão desses funcionarios uma advertencia amiga, mas sempre perfida cooperação. A' generosidade correspondem com a intriga e malidicencia.

E é assim que a Republica, desde o seu advento, se tem vindo arrastando de obstaculo em obstaculo, de calamidade em calamidade, distanciando-se constantemente do seu fim, aproximando-se cada vez mais do abismo em que tudo se precipita e aniquila. E todas estas dificuldades e desgraças se podiam ter evitado. Era, após a revolução victoriosa, terem entregue, como anteriormente estava combinado e assente, a pasta do Interior ao ilustre republicano Basilio Teles. Era ter mantido nesta pasta este insigne escritor, que com estudo havia preparado todas as reformas indispensaveis á boa marcha da Republica, saneando completamente as repartições, entregando a obra de reconstrução nacional só aos republicanos.

Recordo-me perfeitamente das suplicas desse grande patriota, que tanto contribuiu para a revolução de 5 de Outubro, aos que lhe foram participar a sua deslocação para a pasta das Finanças, que jámais aceitou ou quiz outra. Como reliquia guardo estas frases do seu vaticinio:—*E' necessario que a obra da Republica seja confiada sómente aos republicanos, porque são estes os unicos que a amam. Da burocracia devem ser expulsos todos os adversarios. Este saneamento é a grande revolução complementar da primeira. Sem ela a Republica afunda-se.*

Não o atenderam e o futuro dolorosamente confirmou a sua profecia. A acção constructora da Republica ainda se não fez.

E porque se não faz agora que longa em demasia já é a dura lição dos factos?

Porque se não dá cumprimento ás palavras de Basilio Teles? Estarão fóra do tempo as ideias desse vulto que foi grande em vida e cuja obra é um eterno padrão de gloria?

A Historia de todos os tempos nos diz claramente que os regimens que despontam, se não se defendem dos adeptos dos que baqueiam, a pouco e pouco são por estes absorvidos e de victoriosos passam a ser seus serventuarios, para quem não ha ao menos uma palavra de justiça nascida da alma.

Haja em memoria o que aconteceu á primeira republica franceza, lembremo-nos da diversidade de processo que trilhou a segunda, comparemos os seus resultados e sigâmos par e passo a marcha do fascismo.

Na França a Republica só se enraizou depois que se cercou apenas de republicanos, depois que deixou de ser magnanima para os adversarios, sem ser injusta.

Mussolini e Primo de Rivera não se esqueceram dessas indicações historicas e ei-los a construir com elementos puramente seus, com indefectiveis correligionarios. Dos adversarios não se aproveitaram nem lhes aceitaram os seus protestos de estima, antes os pozeram de quarentena e de sentinela á vista. E ei-los que marcham ávante.

Os monarquicos portuguezes, os irreconciliaveis inimigos das instituições vigentes mas que ainda constituem a grande maioria do seu funcionalismo, os cavouqueiros incansaveis do *quanto peor melhor*, tambem querem o fascismo para fazer a reconstrução nacional com elementos exclusivamente seus. Mas isto é, alem duma mentira, uma utopia. Portugal só se póde salvar com a Republica.

* * *

Porque será que se não fez ainda a limpeza preconisada por Basilio Teles?

Dizem que os monarquicos, as chamadas forças vivas mas que tudo contaminam e matam, com o seu grande prestigio, que vai desde a mais insignificante regedoria até aos gabinetes ministeriais, passando pelo parlamento aonde se reforça, não o consentem. Vergonhosa fraqueza! Triste desculpa!

Mas donde lhes vem esse prestigio? Da força moral? Da força armada?

Nem duma nem doutra.

A moral perderam-na para sempre nos tempos ominosos da monarquia, corroborando essa falencia os assaltos da Traulitania.

Sempre os mesmos miseraveis!

A das armas pertence ao povo republicano como o atesta irrefragavelmente a escalada de Monsanto. A fanfarronada encobrindo a traição e a cobardia!

Então porque se espera? Receia-se da critica dos adversarios, da sua maldita vozearia? Mas estes, aplaudindo e querendo o facismo, não podem opôr-se nem berrar sem se poluir mais. E se barafustam, de que valem os protestos de quem tem um passado tão denegrido, de quem tão velhaca e vergonhosamente se contradiz?

* * *

Porque se espera mais tempo?

Para se perpetrarem mais crimes e para haver mais criminosos a punir no dia das responsabilidades?

Não. E' á espera duma revolução—e já sinto o seu arfar—que dê vida á Republica e floresça o paiz.

Mas quem a poderá fazer, atingindo o expoente maximo do seu patriotismo tão indispensavel na hora que sobre nós impende?

O partido e os republicanos que não pactuam com os monarquicos e que não se conspurcam perante as urnas.

E' este o unico partido que pode fazer a revolução. São estes os unicos republicanos que podem fazer a verdadeira Republica.

Os outros... ou *tratam da vida que a morte é certa* ou são papas de linhaça a entreter a supuração.

LOPES DE OLIVEIRA
Medico.

DR. AFONSO COSTA

Depois de perto de seis anos de ausencia no estrangeiro para onde o atiraram os seus erros, de que tambem nos considerâmos vitimas, voltou, finalmente, a Portugal, chamado pelo sr. Presidente da Republica para formar ministerio na hora extremamente grave que o país atravessa, o antigo *leader* do partido democratico e talentoso homem de Estado, sr. dr. Afonso Costa, que desde terça-feira se encontra em Lisboa.

Estamos, portanto, em presença dum facto politico de alta importancia e que muito deve influir nos destinos da nação que os sucessivos governos da Republica tão mal teem administrado, conduzindo-nos onde nunca supuzemos chegar após o glorioso dia 5 de Outubro de 1910.

Mas as ambições, as vaidades, a sofreguidão, a ansia dos homens, querendo ultrapassar os limites da sua competencia, as regras das suas aptidões, nunca encontraram quem lhes puzesse um forte travão e de aí a balburdia, a desordem, o estado caotico de tudo quanto diz respeito aos interesses colectivos dum povo que viu surgir a Republica como uma esperança e nela quer viver orgulhoso dessas instituições livremente escolhidas para salvação da Patria.

Chegou o sr. dr. Afonso Costa o que quer dizer que vamos entrar em vida nova.

Oxalá. A politica já não nos interessa nada nem os politicos. O que nos interessa é aquilo em que se baseia o bem-estar, o progresso e a felicidade do paiz.

Por isso se torna imprescindivel começar, sem tardança, a grande obra de resurgimento pondo de parte tudo o mais.

UMA EXPLOSÃO DE FUNESTAS CONSEQUENCIAS

Em casa de Francisco Vieira da Costa — Muitos feridos e uma morte

Na casa de residencia do nosso querido amigo Francisco Vieira da Costa, Rua da Créche, n.º 40, Lisboa, deu-se na quarta-feira, pelas 21 horas, a explosão dum candieiro de gazolina, que se encontrava sobre a mesa de jantar, e da qual resultou ficarem mais ou menos feridos alguns filhos do estimado aveirense assim como sua esposa, a sr.ª D. Violeta Vieira da Costa.

A lamentavel ocorrencia, segundo relatam os jornais da capital, chamou ao local, onde se produziu, grande numero de pessoas atraidas pelos gritos de socorro, assim como os bombeiros e a *Cruz Vermelha*, a cujo posto os feridos foram receber os primeiros curativos, recolhendo em seguida a casa.

Sem quaesquer outros pormenores que nos habilitem a um mais largo relato do triste acontecimento, limitamo-nos hoje a compartilhar com Vieira da Costa do seu intimo desgosto, fazendo ardentes votos porque os feridos se restabeleçam breve e não haja, portanto, motivo para maiores dôres.

* * *

Depois de escritas e compostas estas linhas, quasi á hora do jornal ir para a maquina, chegam-nos novos informes do terrivel desastre, que consistem no seguinte relato: a esposa de Vieira da Costa acha-se com o braço esquerdo todo queimado e a mão direita; o filho Vasco, de 12 anos, com queimaduras nas mãos e pernas; Mario, de 5 anos, igualmente; Corina, de 8, tambem queimada nas mãos, pernas e parte do corpo, sendo o seu estado grave e Olga, de 10, de tal modo atingida, que veio a sucumbir ás 14 horas do dia seguinte, efectuando-se ontem de tarde o funeral.

E' com os olhos marejados de lagrimas e o coração opresso pelo mais puro sentimento, que traçâmos estas linhas, pedindo aos desolados paes da encantadora creança a quem a fatalidade tão cêdo aniquilou a existencia, aceitem a intima expressão das nossas condolencias visto que palavras não temos neste momento para os consolar em presença de tão esmagadora pulhada do Destino.

* * *

Com o exclusivo fim de desanojar a doridos, o nosso director partiu ontem no comboio correio da noite para Lisboa, acompanhado de sua esposa.

A CRISE

O sr. dr. Afonso Costa desistiu de formar gabinete em virtude do chamado Partido Nacionalista lhe não dar colaboradores.

Mas poder-se-á tolerar a continuação de semelhante vida por parte dos que, arvorados em nossos dirigentes, estão cavando fundo a ruina do velho Portugal?

E' o que tem de ser apreciado devidamente. Falaremos.

Na despedida

Teem sido muitas as maneiras por que a imprensa se ha pronunciado sobre a personalidade politica do sr. Antonio Maria da Silva, que acaba de deixar as cadeiras do Poder nas mesmas condições, senão peor, do que aqueles que o precederam na governação do Estado, apresentando programas espalhafatosos para no fim de pouco tempo se irem embora sem nada resolverem de util para a nação—que não é só Lisboa—e por isso mais alguma coisa carece do que a manutenção da ordem nessa cidade, assunto que é da exclusiva competencia da policia e da Guarda Republicana, que não foram creadas nem existem para outro fim.

Os jornais, porem, para alguma coisa de bom atribuirem ao sr. Antonia Maria da Silva dizem que ele resolveu o problema da ordem. E vai de aí o país e a Republica ficaram devendo *inestimaveis serviços* ao *ilustre chefe do governo demissionario!*

Por esta é que nós não esperavamos. Nem com toda a certeza aqueles que estão sendo vitimas da pessima administração governativa, ininterruptamente transmitida de ministerio para ministerio.

O papel sempre está sugeito a coisas!...

Acha-se ámanhã de serviço a **Farmacia Moura.**

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

XV

Continuam os agravos e as apreensões
O comissario de policia entregue ao tribunal
Como o conservador do Muzeu era caluniado

No dia 4 de agosto, fiz recolher ao Muzeu, onde estão arrecadados, os seguintes objectos, que o arguido emprestára para a proxima egreja das Carmelitas,—outro anexo ao Muzeu—afim de servirem nos exercicios e festividades religiosas:—38 cortinas de brocatel encarnado, sendo 28 de galão dourado e as restantes de galão de retroz; duas cortinas de gorgorão; duas cortinas de seda vermelha lavrada; duas cortinas de damasco carmezim bordadas a matiz e lhama de prata; uma faixa de seda vermelha; um frontal de damasco branco, com lhama de ouro; uma volta de arco, de damasco; um paramento completo de damasco branco e lhama de ouro; dois panos de pulpito e um frontal roxo.

* * *

Da saida destes objectos, *de valor rial*, não existia no Muzeu a mais insignificante nota, nem a tinha, tão pouco, a pessoa na posse de quem estavam:—o sr. Anselmo Lopes Ferreira (auto de fls. 172 e of. a 198 v.)

* * *

Ao sr. comissario de policia, enviei, com nota de confidencial o seguinte

Oficio

datado de 4 de agosto (fls. 199)

«A bem do serviço publico e por determinação superior, rogo a V. Ex.ª se digne mandar apreender aos individuos abaixo indicados, os seguintes objectos que foram vendidos pelo sr. João Augusto Marques Gomes:

A...., morador na Oliveirinha, um Cristo de metal.

A...., morador na Oliveirinha, um cristo de martim.

A...., morador na Palhaça, um paramento completo e uma imagem do Menino Jesus.

A...., morador na Palhaça, uma imagem da Senhora da Boa Morte e outra do Senhor Ecce Homo.

A...., morador em Vilar, um paramento completo de tela de ouro, uma casula de damasco vermelho, uma casula verde, uma capa de asperges de damasco branco; um baldaquino de damasco; duas imagens de roca, uma de S. José e outra de Nossa Senhora e um frontal de damasco branco bordado a ouro.

* * *

No dia 31 de março de 1922, o conservador do Muzeu, José de Pinho, apresentou nova queixa á policia contra o director Marques Gomes que acusava (fls. 224) de ter levado para sua casa dois dias antes *um bengaleiro, confeccionado de duas colunas de riga pertencentes ao Muzeu e que eram de uma escada que fôra suprimida*.

Iniciaram-se e concluiram-se as investigações policiais e, desta vez, manda a verdade que se diga, o sr. comissario de policia remeteu o processo para o tribunal (of. do M.mo Juiz de Direito a fls. 256).

Como, porém, soubesse que o director do Muzeu, Marques Gomes, *afirmára* perante a policia, *que comprou em praça*, em junho de mil novecentos e treze, *pela quantia de três escudos, duas consolas* (colunas) *de riga, pertença de um corrimão de uma escada superior do Muzeu* e délas mandára fazer o bengaleiro, (fls. 230) *fui verificar se aquela afirmação era verdadeira*, cotejando-a com as contas correntes do Muzeu apresentadas por Marques Gomes (fls. 134 v.), *concluindo por esse exame* que Marques Gomes *não tinha comprado* naquele mez e ano *nenhum objecto* e que, portanto, *o bengaleiro*, em que as colunas tinham sido transformadas, *era pertença do Estado*, pelo que expedi, dirigido ao sr. comissario de policia, com nota de *confidencial*, o seguinte

Oficio

datado de 9 de agosto (fls. 223)

«Rogo a V. Ex.ª para que, urgentemente, dê as suas ordens no sentido de ser apreendido em casa do sr. Marques Gomes, residente na rua de José Estevam, n.º 16, um bengaleiro feito por Firmino Costa de duas colunas de riga que era pertença do Estado.

Para essa deligencia, rogo a V. Ex.ª aproveite os indispensaveis serviços de Firmino Costa, portador deste oficio, que testemunhará o acto da apreensão de que V. Ex.ª mandará lavrar o respectivo auto, que aguardo com o bengaleiro apreendido».

* * *

Desta vez, não era facil ao sr. comissario de policia avisar o arguido. O ultimo periodo do oficio era uma prevenção contra uma entrega voluntaria.

O bengaleiro foi apreendido naquele mesmo dia em casa do sr. Marques Gomes *e sem que nesse acto*, a que assistiu, *tivesse protestado* (auto a fls. 250) *contra a apreensão.*

* * *

Todos os outros objectos foram tambem apreendidos (autos de fls. 244 a 248).

* * *

O efeito moral produzido pelas apreensões foi extraordinario, tendo a sua noticia causado certo *pavor* e *desgosto a muitas das principais pessoas da cidade*, afirma-o o dr. José Barata (fls. 266),

A atitude honrada e decidida do Ex.mo Ministro era louvada sem reservas. A Republica prestigiava-se com actos de nitida moralidade e inflexivel justiça.

Dos compradores só um protestou platonicamente junto do sindicante (doc. de fls. 210 e 211) e, esse mesmo, instigado certamente pela facção defensora do arguido, por quem, agora mais do que nunca pugnava.

Para amedrontar o sindicante, até lhe fizeram constar que o individuo que convidára a aprensão protestou, o processára criminalmente!

Além deste individuo, só o ex-governador civil, Costa Ferreira e o dr. José Barata, em nome das comissões politicas democraticas, protestaramm.

Falaremos.

* * *

Como já dissemos o sr. comissario de policia publicou no jornal *O de Aveiro* de 6 de agosto, uma carta dirigida ao sr. Homem Cristo, a quem se confessa *muito grato e reconhecido pela consideração que lhe deve.*

Essa carta termina com o seguinte periodo:

«O que V. Ex.ª deve pedir, e nisso o acompanhei, é que essa sindicancia não se limite só ao sr. Marques Gomes e ao guarda Firmino; mas a todos que dali auferem interesses. E se lembro isto, é para se calarem as vozes do mundo e se salvarem desse mar de suspeições tambem outros, que a opinião publica acusa de serem coniventes nos roubos, se é que eles se teem dado. E' a propria dignidade dos visados, que reclama o alargamento dessa sindicancia».

Faustino de Andrade.

Imediatamente oficiei ao sr. comissario Faustino de Andrade, pedindo-lhe a sua comparencia.

Como a carta já transcrita, *o depoimento* (fs. 207 a 209 v. *que o sr. comissario dictou*, é das coisas mais interessantes que este processo contem. Disse, não me recordo quem, *que falar muito e mal é o vicio do fatuo.* Pois o sr. comissario falou muito e mal! A inconstancia em todas as suas opiniões é manifesta excepto na que forma de si mesmo!

Esse depoimento é de tal natureza que se o sindicante estivesse investido da autoridade e poderes que o sr. Faustino de Andrade tem como comissario de policia, prendia-o naquele momento.

O sr. comissario afirma *publicamente* que existe *quem queira ir para o poleiro de onde deseja escorraçar o galo que ali estava.* No seu depoimento *afirma* que *o poleiro* é o cargo de director *e que quem o quer ocupar*, escorraçando o «galo» Marques Gomes—*é o conservador José de Pinho*, mas *instado pelo sindicante*, responde: *que não conhece nenhuns factos que o auctorisem a afirmar positivamente esse facto, baseando-se apenas* no que tem ouvido por ahi, *não se recordando dos nomes das muitas pessoas a quem o tem ouvido afirmar.*

Publicamente pede que a sindicancia se alargue a «todos» e esses «todos» resumem-se *num*:—o conservador José de Pinho. Assim o *declara no seu depoimento*. Este pedido faz prever que o sr. comissario esmagará o conservador do Muzeu, tanto mais que, *publicamente* afirma: *Eu podia acrescentar ainda muita coisa*, mas não o faço agora, *reservando-me para ocasião oportuna* carta referida.

Chamado pelo sindicante *e convidado a concretisar factos e indicar testemunhas*, que diz o sr. comissario? «Que o que vae declarar *não conhece por factos* com ele passados *mas por ouvir* relatar a diferentes pessoas, que *não precisa*, de momento, *por não se recordar do nome delas.*

Que ouviu o sr. comissario de policia, Faustino de Andrade, contra o conservador do Muzeu, José de Pinho? *Ouviu dizer* em alguns lugares publicos que o sr. José de Pinho *tem a sua casa guarnecida de belos moveis antigos* e que na oficina do seu trabalho, que está estabelecida num armazem do Muzeu, *se diz terem sido encontrado, fragmentos de um frontal de talha de um altar.* Não sabe, *por ouvir dizer*, que José de Pinho, *quizéra reclamar* do guarda do Muzeu, Firmino Costa, *a entrega de um fragmento complementar* daquele altar *por dizer que lhe pertencia. Ouviu ainda dizer* que podem comprovar estes factos, Firmino Costa, Marciano Pinto dos Reis e um carpinteiro conhecido por José da Linda.

Instado pelo sindicante a concretisar factos, indicando testemunhas ou fornecendo elementos de prova que confirmem as suas graves suspeitas e, entre elas, a de que o sr. José de Pinho tem a sua casa guarnecida de belos moveis antigos de onde depreende que esses moveis ou foram adquiridos ilicitamente ou sahiram do Muzeu, *o que nos diz o sr. comissario? Que nenhuns dados tem para afirmar* que esses moveis sahissem do Muzeu ou fossem adquiridos ilicitamente, *pois parece que os adquiriu em qualquer bric-á-brac* para seu negocio ou conforto, *pois sabe que alguns tem vendido sem que lhe digam que foram desviados do Muzeu ou por meios ilicitos adquiridos*».

De todas as acusações produzidas pelo comissario de policia *simplesmente como elucidação á carta que publicou no jornal «O de Aveiro»*, a menos grave é a que se refere ao fragmento de talha de um altar, acusação que *todas* as testemunhas indicadas pelo comissario (autos de fls. 212, 213 e 217) *categoricamente afirmaram ser falsa.*

As restantes acusações tomou o comissario de policia *o virtuoso encargo de provar a sua falsidade*.

(Prossegue no proximo numero)

Imprensa

«Gazeta de Arouca»

Conta mais um ano este he-bdomadario dirigido pelo sr. dr. Angelo Miranda, medico na séde do concelho onde se publica.

Apesar de filiado no partido democratico, a *Gazeta de Arouca* distingue-se pela forma como aprecia os homens e as coisas, pondo acima de tudo a moralidade do regimen, que serve honestamente, infileirando ao lado dos que sabem cumprir o seu dever de republicanos.

Afectuosos cumprimentos ao estimado colega.

Silva Lisboa

Está em Aveiro este conhecido artista de variedades, recentemente chegado da America do Sul, onde fez sucesso, e que hoje se apresenta ao nosso publico dando um espectaculo no teatro com um programa escolhido, atraente e engraçado.

Agradecemos os seus cumprimentos.

Necrologia

Deixou de existir na tarde de terça-feira o sr. José Augusto Rebelo, que por muitos anos se havia dedicado á proffssão de barbeiro, sendo conhecido pelo *sobriquet* de *Vida-alegre*.

Era filho de Joaquim Manuel, mestre de corneteiros de cavalaria 10 a quando da sua vinda para Aveiro donde nunca mais saiu. Com José Rebelo desaparece o ultimo membro dessa familia e manda a verdade dizer-se que é de menos um homem educado, de probidade, honesto e trabalhador de quem, ao traçar estas linhas, nos despedimos saudosamente.

Viuvo ha pouco tempo e tendo perdido tambem uma filha unica, não admira que aos 52 anos a morte o surpreendesse depois de ter passado por os dois maiores desgostos de toda a sua existencia,

Que descance em paz junto daqueles a quem sempre foi, em extremo, afeiçoado.

=

Victimado por uma cirrose no figado, tambem faleceu o conhecido e populr—*19*—policia civil reformado, Joaquim Martins, em quem os vinhateiros possuiam um bom freguês.

Contava 62 anos e era casado.

=

Egualmente sucumbiu aos estragos duma congestão cerebral, a sr.ª D. Maria do Egito Simões, viuva, de 76 anos, que ha muito se achava entrevada. Era irmã do falecido comerciante, sr. Domingos Leite.

Despachante da Alfandega

Foi nomeado oficialmente para este cargo o nosso amigo Amadeu da Costa Pereira, a quem felicitamos.

Correspondencias

Costa do Valado, 1

Resebeu no domingo o baptismo da Igreja a filhinha do nosso amigo Julio Alvarenga, registada com o nome de Maria da Conceição.

Vieram assistir algumas pessoas de familia.

= Por causa das obras que se estão efectuando no interior da nossa capela a missa dos domingos tem sido resada na do falecido sr. dr. Sobreiro que para esse fim foi posta á disposição dos fieis.

= O tempo arrefeceu muito desde ontem, principiando novamente a chover hoje de manhã.

C.